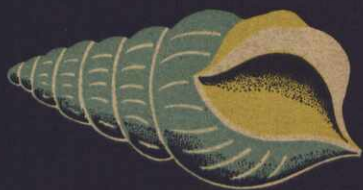


ATLÂNTICO

REVISTA LUSO-BRASILEIRA



EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA
NACIONAL · LISBOA · E DO DEPARTAMENTO DE
IMPrensa E PROPAGANDA · RIO DE JANEIRO

ATLÂNTICO

NÚMERO
CINCO

1944

DIRECTORES:

ANTÓNIO FERRO
AMILCAR DUTRA DE MENEZES

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO:

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

DIRECÇÃO ARTÍSTICA DE:

MANUEL LAPA

ATLÂNTICO

REVISTA LUSO-BRASILEIRA

*EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA
NACIONAL • LISBOA • E DO DEPARTAMENTO DE
IMPrensa E PROPAGANDA • RIO DE JANEIRO*

C-21 CENTRO DE HISTÓRIA DA CULTURA L-21

Shi

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
SECÇÃO BRASILEIRA DO S.P.N.
RUA DE SÃO PEDRO DE AL-
CÂNTARA, 45, 2.º, D. — LISBOA

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:
LIVROS DE PORTUGAL, LIMITADA
R. DO OUVIDOR, 106 — RIO DE JANEIRO

NO TEMPO DO PAÜ LISMO E DO “ORFEU”

(PÁGINA DE MEMÓRIAS)

POR AUGUSTO CUNHA

FOI num liceu e em trágicas circunstâncias que conheci Mário de Sá Carneiro, que seria, poucos anos depois, um dos mais entusiásticos e valiosos elementos do grupo do «ORFEU». Já lá vão mais de trinta anos e parece-me ver, ainda hoje, a sua expressão transtornada, lívida, ao entrar numa aula de latim do meu sexto ano de letras, para anunciar, como já fizera em tôdas as aulas dos outros cursos, de olhar esgazeado, a voz perturbada e trêmula, que um dos nossos condiscípulos no liceu, um dos seus mais queridos camaradas das lides literárias, a êsse tempo, incipientes, mas já prometeroras, tinha acabado de suicidar-se.

Todos corremos num precipitado alarme ; de tôdas as aulas saíram em tropel os rapazes e professores que a trágica notícia tinha impellido, irresistivelmente, a abandonar os seus trabalhos ; e pouco depois tôda a população escolar daquele estabelecimento de ensino se comprimia, numa ansiedade profundamente comovida, junto da escada que do pátio dava acesso ao primeiro andar e onde, já sem vida, o pobre rapaz ficara estendido, a cabeça sulcada de rios de sangue que o tiro no céu da boca lhe fazia brotar e correr, no rosto largo, em todos os sentidos.

Era o poeta Tomás Cabreira, que pouco antes publicara o primeiro livro de versos e, de colaboração com Sá Carneiro, tinha feito uma peça cujo título era o do sentimento que os ligava : «Amizade».

Foi, estou certo, êste exemplo do amigo querido, o gesto precursor daquele que mais tarde, em Paris, num quarto de hotel, decidiria Sá Carneiro a pôr também, inesperada e inexplicavelmente, um termo à vida.

Três ou quatro anos volvidos sôbre essa manhã trágica, um grupo de que eram o centro e o fulcro Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, agitava novas idéias e novos conceitos literários, que levariam à publicação do «Orfeu», revista trimestral de literatura, cujo primeiro número, lançado a público em 1915, consubstanciava e reünia, nas suas páginas, muito do que, em largas palestras e tertúlias literárias às mesas dos cafés, fôra revolucionariamente forjado e premeditado para agitar a opinião.

As mais audaciosas e estranhas produções, umas propositadamente excessi-

vas na forma e no conceito, outras premeditadamente exageradas no seu destrambelhamento, preconcebidamente irritantes e ofensivas da rotina e dos cânones literários então correntes, nasceram dêsse movimento irreverente e iconoclastico que perturbou a tranquillidade até aí gozada na pacifica pacatez do nosso meio literário, irritou os críticos e provocou a indignação do grande público, habituado ao lirismo ingénuo e calmo e ao romantismo dos folhetins.

Com Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, constituíam os mais assíduos elementos do grupo: Luís de Montalvor, Pedro de Meneses, Almada Negreiros, José Pacheco e António Ferro, que foi o editor do «Orfeu», apesar dos seus 19 anos — idade em que legalmente o não podia ser.

Por vezes, no «Martinho», aparecia também Santa Rita Pintor, chegado havia pouco de Paris e de quem se contavam as mais estranhas «blagues», as mais sensacionais «boutades», os mais espirituosos ditos.

Já a sua figura, no meio apagado e morno do café, fazia sensação. O seu ar fúnebre emergindo do fato preto, a sua figura esguia e angulosa, o colarinho muito largo e direito, meio coberto por um laço também preto, o chapéu negro enterrado na cabeça rapada à navalha, o próprio galgo hierático que o acompanhava e ficava em atitude submissa junto da mesa onde êle se concentrava a encher largas tiras de papel, davam-lhe um aspecto estranho, quasi irreel, naquele ambiente banalissimo e burguesmente pacato do café.

A idéa de uma revista literária de novos moldes e novos ritmos, no propósito «de formar, em quem se contavam as mais estranhas «blagues», as mais sensacionais «boutades», os mais espirituosos ditos. Já a sua figura, no meio apagado e morno do café, fazia sensação. O seu ar fúnebre emergindo do fato preto, a sua figura esguia e angulosa, o colarinho muito largo e direito, meio coberto por um laço também preto, o chapéu negro enterrado na cabeça rapada à navalha, o próprio galgo hierático que o acompanhava e ficava em atitude submissa junto da mesa onde êle se concentrava a encher largas tiras de papel, davam-lhe um aspecto estranho, quasi irreel, naquele ambiente banalissimo e burguesmente pacato do café.

A idéa de uma revista literária de novos moldes e novos ritmos, no propósito «de formar, em quem se contavam as mais estranhas «blagues», as mais sensacionais «boutades», os mais espirituosos ditos. Já a sua figura, no meio apagado e morno do café, fazia sensação. O seu ar fúnebre emergindo do fato preto, a sua figura esguia e angulosa, o colarinho muito largo e direito, meio coberto por um laço também preto, o chapéu negro enterrado na cabeça rapada à navalha, o próprio galgo hierático que o acompanhava e ficava em atitude submissa junto da mesa onde êle se concentrava a encher largas tiras de papel, davam-lhe um aspecto estranho, quasi irreel, naquele ambiente banalissimo e burguesmente pacato do café.

Acolhida entusiasticamente a idéa, por Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, que em Lisboa procuravam agitar idêntico movimento renovador, foi decidida a publicação do «Orfeu», sob a direcção de Luís de Montalvor, chegado havia pouco do Brasil, e de Ronald de Carvalho, que no Rio-de-Janeiro tinha a sua parte directiva.

O primeiro número da revista, em cuja introdução Montalvor explicava os propósitos e intenções de «Orfeu», foi, para o grande público, a ruidosa e sensacional revelação da nova escola literária.

O poema «Os Paúis», de Fernando Pessoa, dera ao movimento o nome de guerra: — o Paúilismo.

Nas longas conversas de café, nas digressões nocturnas pelas ruas da Baixa, discutindo em voz alta por forma a despertar as atenções e a curiosidade intrigada da multidão, os componentes do grupo tinham criado uma série de novas formas e de audaciosas expressões, procurando todos, numa estranha competição, exceder-se a si próprios e a cada um, em exotismos, em extravagantes conceitos e opiniões, nas mais imprevistas e complexas frases deliberadamente destoantes da vulgaridade corrente e, quasi tôdas, com o principal propósito de irritar.

Do convívio diário com todos eles já me eram familiares a forma e a maneira de dizer dos vários expoentes da nova escola literária.

Estavam-me sempre no ouvido as frases que maior sensação despertavam nesse saudável cenáculo, os mais belos versos com que, dia a dia, cada um vinha acrescentar a grande produtividade desse grupo literário.

Cantavam-me na memória os belos versos de Mário de Sá Carneiro, dos «Indícios de Oiro» :

*«Eu não sou eu nem sou o outro
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte do tédio
Que vai de mim para o Outro.»*

Os que mais barulho haviam de provocar:

*«As mesas do café endoideceram feitas ar...
Caiu-me agora um braço... Olha lá vai ele a valsar
Vestido de casaca, nos salões do vice-rei...»*

*(Subo por mim acima como por uma escada de corda,
E a minha ânsia é um trapézio escangalhado...)*

E tantos outros, cujas frases e desusadas expressões sem querer se fixavam no ouvido:

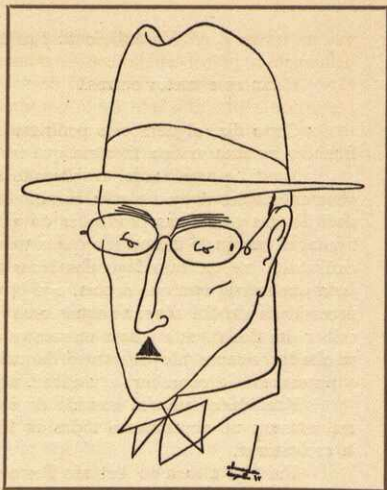
*«Basilicas de tédio, arneses de crispado,
Insígnias de Ilusão, trofeus de jaspe e Outubro...»*

E as frases audaciosas e sensacionais de Fernando Pessoa:

«Trepadeiras de despropósito lambendo de ora os aléns...»

E os seus «Poemas Interseccionistas», e a «Ode Marítima», do seu heterónimo Alvaro de Campos, o primeiro dos heterónimos em que o seu talento prodigiosamente se desdobraria!

E as princesas, os cisnes, os lagos e os pavões de que estavam cheios os versos do Pedro de Meneses:



E tantos e tantos outros !

Certo dia, alguém veio pedir-me um artigo humorístico, de sátira ao Paulismo, para uma revista literária que ia sair.

Acedi, e uma tarde, revolvendo na memória todos aqueles versos e estranhas expressões de que o meu pensamento andava tão cheio, mercê da quotidiana audição das sucessivas produções do grupo, pus-me ao trabalho e, numa rápida tirada, de um jacto inesperado que a mim próprio me espantou, escrevi «Um serão paulista», que me safu logo dos bicos da pena, espontâneo e fácil como eu desejaria que saísse, sem que depois, e já lá vão quasi trinta anos, alguma vez sentisse necessidade de lhe alterar sequer uma expressão ou uma vírgula. Foi-me dado escolher um dos raros e felizes momentos cuja oportunidade podemos aproveitar, de resultados sempre tão diferentes daqueles em que forçadamente procuramos levar o pensamento a conceber, a realizar, ainda que seja a mais ligeira produção.

Facilidade também nascida do assunto, que me estava todo na mente, como me estavam no pensamento tôdas as formas e novos ritmos que o meu propósito ia caricaturar.

Fui logo a casa do António Ferro para lhe ler, entusiasmado e feliz, o meu artigo, e pouco depois fomos, como tôdas as tardes, para a Baixa, em busca de mais alguém que o pudesse ouvir, satisfazendo aquela necessidade, que sentimos sempre, de reler e de mostrar imediatamente aos outros aquilo que produzimos e nos deixou plenamente satisfeitos.

E foi precisamente Fernando Pessoa, o expoente máximo do Paulismo que o meu artigo visava, o primeiro que encontrámos ao voltar uma das esquinas da Baixa.

Tão grande era o desejo, que os meus entusiásticos vinte anos mais justificavam, de tornar a ler o artigo pouco antes concluído e ainda fresco da tinta que o fixara numas tiras de papel, que ali mesmo, junto à montra de um livreiro, o dei a conhecer a um dos mais brilhantes espíritos daquela geração.

Fernando Pessoa dispôs-se a ouvir, numa curiosa expectativa e, pouco a pouco, numa alegria crescente, naquele riso franco que no seu elevado espírito crítico era indício do mais sincero agrado ; e tão entusiasmado ficou que quis logo ir procurar o Sá Carneiro, para novamente lhe lermos o artigo.

Fomos encontrá-lo no «Martinho» e a uma das mesas do Café tive a satisfação, natural num autor, de tornar a ler, pela terceira vez nesse dia, o meu «São Paulista».

O entusiasmo de Sá Carneiro não foi menor e ainda nessa tarde o artigo foi mostrado e lido por diversas vezes, sempre com êxito crescente, a vários camaradas e amigos daquele grupo literário.

Tanto que nos dias seguintes, pelas referências que os primeiros ouvintes tinham feito, eu era forçado, a cada passo, a ler o artigo àquêles que ainda não o conheciam.

E tão solicitado e compelido fui a essa leitura que, por fim, quando chegava ao «Martinho» e numa mesa me pediam para ler o «Serão Paülista», eu já nem mesmo o procurava nos bolsos, nem precisava de o trazer comigo, porque, de tanto o ter lido, o dizia todo de ponta a ponta sem lhe falhar uma vírgula.

Mas a tal revista que mo encomendara, como tantas outras que não passam do pensamento e do projecto dos seus autores, não chegou a publicar-se, e por sugestão e desejo dos componentes do grupo do «Orfeu», de que o «Serão Paülista» fôsse conhecido, procurou-se um jornal que o publicasse.

O saúdoso Ponce de Leão, êsse espírito vivíssimo tão prematuramente desaparecido quando tanto dêle havia a esperar, inolvidável companheiro de tantas horas que a sua graça esfuziante, as suas histórias e as suas «blagues» tornavam breves e fugidias, era a êsse tempo frequentador da caixa de um teatro onde um actor seu amigo se estreará.

Frequentava, também, o camarim do mesmo actor um humorista muito conhecido, redactor de um jornal da tarde de grande tiragem que então se publicava, e o Ponce de Leão, convencido de que resolvia assim o problema, deu-lhe o artigo para que êle procurasse publicá-lo nesse jornal.

Passaram alguns dias, e uma tarde atravessava eu num carro certa rua da Baixa, ouvi o meu nome pronunciado em altos gritos. Voltei-me surpreendido e alarmado, e vi o Ponce de Leão que em grandes gestos me chamava e me fazia desesperados sinais para que descesse.

Corri para êle, ansioso por saber do grave acontecimento que o afligia e o obrigava, assim, a alarmar a rua inteira, fazendo com que todos se voltassem intrigados.

E fui encontrá-lo furioso, na mais sincera indignação, porque lhe fôra comunicado, pelo amigo actor, que o humorista a quem se pedira a interferência, devolvera o artigo dizendo ser impossível a publicação, porque daí a dias, no fim dessa semana, o jornal ia precisamente publicar, de um outro humorista também muito conhecido, um artigo sôbre o mesmo assunto.

O Ponce de Leão, que muito melhor do que eu nesse momento, conhecia a vida e as veredas por vezes tortuosas e menos dignas de que ela é feita e que à sua correção e lealdade aliava já uma grande experiência dos homens e das coisas, não vira nesse caso uma simples coincidência e, como outros dos nossos companheiros a quem contara o sucedido, dava ao facto uma bem diversa classificação.

E terminou por me dizer que era preciso publicar o artigo antes do fim da semana, fôsse onde fôsse, e que todos tinham combinado, movidos pela mesma indignação, pôr-se em campo para o conseguir.

Desvanecido pelo interesse que o meu caso despertara, mas a êsse tempo desconhecedor de jornais e de jornalistas, nada por minha parte tentei fazer; mas tive o prazer de verificar que as várias pessoas que tinham tomado essa deliberação, incluindo o próprio Sá Carneiro, se não pouparam a esforços para a efectivar.

Poucos dias depois dessa competição de boas vontades, em 17 de Abril de 1915, precisamente na véspera do dia em que o tal artigo sôbre o mesmo assunto

devia sair, foi o Bustorff Silva, grande amigo e companheiro na Faculdade de Direito, quem conseguiu que o «Serão Paülista» surgisse num jornal da manhã, mais polfítico que noticioso, que então se publicava.

É claro que, no dia aprazado, o tal artigo sôbre o mesmo assunto não apareceu.

Assim consegui também, a partir dêsse momento, não mais ser obrigado a declamar aquelas páginas de tão difícil e acidentada publicação e que tão inesperada agitação tinham provocado, porque todos compraram o jornal, que nesse dia teve decerto um imprevisto excesso de venda, pois só o Sá Carneiro, à sua parte, comprou grande soma de exemplares.

Eu, pela minha parte, também comprei alguns, de que ainda hoje conservo êste recorte:

NO ANO 87 DO "ORFEU" "UM SERÃO PAÜLISTA"

Na pequena sala dos Monteiros havia naquela noite um movimento enorme. Os convidados, intellectuais, espíritos elevados de ambos os sexos, discutiam animadamente questões de arte. Era a segunda reunião literária dada pelos Monteiros e para ela haviam sido convidados os mais celebrados poetas, prosadores, pintores, escultores e todos os artistas enfim que o movimento impetuoso e agitador do século XX tinha produzido e derramavam no século nascente, em luminosíssimas obras de arte, o seu extraordinário talento.

A nova escola, o «Paülismo», tendo por órgão o «Orfeu», essa revista que viera agitar profundamente a literatura até aí calma e tranqüilla, fôra a poderosa alavanca impulsionadora de tão espantoso movimento.

Se não entro agora na descrição merecidamente circunstanciada dessa escola é porque todos por certo a conheceis; se, porém, dentre os que me lerem alguém houver que, irreverente, a não conheça, lamentando-o, apenas lhe aconselharei a leitura de algumas das maiores obras que tão abundantemente produziram êses grandes génios, êses fulgurantes espíritos, como foram Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e tantos outros.

Mas, voltando à casa dos Monteiros, façamos o possível por descrever essa brilhante e artística velada.

Enquanto no piano a gentil Cristina Pereira fazia ouvir a deliciosa sonata dos «Eftívios Roxos», a assistência dispersava-se nas mais variadas e artísticas divagações; uns conversavam, outros discutiam, outros ouviam, outros não ouviam, outros subiam pelas escadas de caracol das suas almas, nimbando-se de pensamentos, outros ainda se afastavam em ternos idflios, e enfim todos mais ou menos perturbavam o silêncio que demandava a esplêndida partitura que estava sendo executada.

Finalmente, esta terminou; tôda a assembléa ascendeu em aplausos, em fanfarras de «bis», numa ânsia côr de bravos, num cheiro acre de palmas.

A executante ergueu-se em embarço, agradeceu, e desceu novamente em rubor sôbre o banco do piano.

Todos então se dirigiram ao grande poeta Jorge de Castro, também presente, para que êle, em pequenos gritos de ânsia, pusesse na voz correias de transmissão e dilufsse em som alguma das suas últimas produções.

Este, depois de muito instado, ergueu-se em *smoking*, dirigiu-se para um dos ângulos da sala, e afastando de si o monóculo, começou, aureolado de silêncio:

«REENTRÂNCIAS DE ÓPIO»

(Poesia original)

*Grita a côr em ânsias de ouro
Além, além grita o som
Griçam-se as almas em louro
Que pesadelo tão bom...*

.....
*O meu Eu, e o meu Ser-me
Ergueu-se em Ter-se, noutro Eu...*

.....
As almas vomitam luz...

.....
*Ópio aos montes, ópio aos montes,
Em fluido um minuto é hora...
Desperfumam-se os pinheiros...
Os portões não são portões
São anseios de porteiros...*

.....
*Fantasia de horizontes
Ânsia verde de não ser
Prelibações de foi-se... embora...*

A isto seguiu-se o impossível de descrever; houve como que um rodopio ascendente de palmas, flores, gritos, bravos, que o poeta envolviam, num delírio de triunfo, transparente de som, transbordante de mais...

Tudo ruía sôbre êle em abraços triangulares, em labaredas de excesso, num ruído de perfume...

Sômente uma senhora, já ôca de vida, cabelos em neve, lunetas em riste, com ar de teimosa religiosidade, perguntava a uma outra, de igual formato, que lhe estava próxima, o que era e porque chamavam àquilo «escola Paulista», como ouvia dizer?

A outra também não sabia, mas de conjectura em conjectura chegaram à conclusão de que aquilo vinha de S. Paulo, e daí por diante ambas estagnaram em orações.

A seguir muitos outros poetas, com as suas produções aureolaram de ânsias outras tantas senhoras; dançou-se ainda uma «gavota paulíca», que não era bem uma gavota, mas sim a ânsia de um «pas-de-quatre» muito interessante em que a dama dançava em espírito mas continuando sentada, e em que o cavalheiro, levantando um dos pés e uma das mãos, dançava ao som do perfume das rosas que adornavam as consoles, com acompanhamento de piano e uma iluminação féérica de lâmpadas roxas.

Terminou a dança, as crianças em efúvios de sonho, estagnavam já pelas cadeiras.

Então um criado grave e hierático, todo vestido de verde com laivos dourados, chegou à sala e disse, dando três voltas sôbre si mesmo:

«Senhoras e senhores, chávenas prelibam na ânsia de ser asas, trepadeiras despropositadas de chá estão lambendo de água os açúcares».

Todos ascenderam em Ir-se; os cavalheiros saíram primeiro, as damas depois; o criado deu outras três voltas e safu também.

Sômente a um canto dois enamorados, esquecidos de propósito, e perdidos no além, na ânsia de não serem parvos, perdendo tão bela ocasião de conversar, faziam voar as suas almas em fantasias alouradas de futuros saídosos.

Ele dizia: «A tua alma que foi, está junto de mim imponderalizando-se de posse...

«O meu não esquecer-me, ôco de Ser, estiliza-se no vácuo dos teus olhos... Reúno-me todo na dispersão que roça pela minha alma em prata dourada só para que o meu Eu possa ser teu...

(E na sala o açúcar não se diluía nas chávenas...)

Ela respondeu-lhe: «Mas para que está prelibando, senhor? Nimbe-se de comedimento que pode aparecer a mamã...»

Efectivamente não apareceu a mamã em eflúvios de descompostura, mas ao salão chegou o perfume cinzento dos gritos das crianças, e hip... hip... hip... ânsias se ouviam, sinal de que os brindes e o banquete expulsando de si tempo tinham pôsto asas nos dentes... que na sala os «pudings» eram apenas comê-los...

Ergueram-se em descontentamento os dois prelibantes; os convidados singravam já nos tapetes do salão, outros entravam, ébrios de chá, rubros de pão de ló, ansiantes de torradas... Ondas de recuo envolviam em fumo as almas ansiadas, porque a teoria arrepiadora dos fósforos de cêra se arremessara estridentemente sobre os charutos, zombando dos acendedores automáticos e dos fósforos de dez réis.

E a um canto a pequenina Judite, tóda contorcionada, dizia para a mãe com as mãozitas enclavinadas em conter-se:

— Ai mamãzinha estou sentindo umas ânsias ruivas com laivos amarelos que me estão aglutinando todo o estômago aladamente em brumas de nostalgia...

— Foi do chá, filha, foi o chá verde que te causou êsses eflúvios alaranjados...

Transmigraram as horas; ruivamente os pares, em hélices de braços, dançaram em grandes turbilhões de corpos emaranhados...

E as crianças, presentindo um grande intervalo, corriam por baixo dos paúlicos meandros das pernas das cadeiras.

Então novamente ascendeu à porta o criado, referindo:

— «Destroços de reminiscências de açúcar procuram nostálgicamente a melodia de uns lábios que os diluam no fluido amarelo do chocolate... uplá... uplá... ho... o... o... o...»

Tudo emigrou em romaria, os sofás desertos eram monges cogitando e os espelhos eram resvalamentos de não ser.

E na sala o silêncio estagnou num vácuo delgado e louro com laivos còr de castanha e um sabor acre a trofeus de inverno.

